

## **A viagem filosófica de Alexandre Rodrigues Ferreira ao Brasil (1783-1792): um olhar sobre as comunidades locais**

Rita Alexandra Ferreira Costa

[ritaferreiracosta16@gmail.com](mailto:ritaferreiracosta16@gmail.com)

### **Resumo**

O presente artigo ocupa-se do estudo das comunidades locais da Amazónia, tendo como observatório primordial a viagem filosófica de Alexandre Rodrigues Ferreira ao Brasil, entre 1783 e 1792. Durante nove anos, esta viagem recolheu informações sobre a Botânica, a Zoologia, a Biologia e a Antropologia do território brasileiro. Deste modo, o presente trabalho tem como objetivo compreender de que forma o naturalista encarregue desta viagem, Alexandre Rodrigues Ferreira (1756-1815), e a sua equipa, constituída por dois ilustradores, José Joaquim Freire e Joaquim José Codina, bem como por um jardineiro botânico, Agostinho do Cabo, perceberam e representaram as comunidades locais da Amazónia. Para concretizar tal proposta, o uso de fontes produzidas durante esta expedição pretende proporcionar o levantamento de alguns dados sobre os povos nativos. Inserindo-se no século XVIII, correspondente ao fomento da História Natural e dos seus respetivos domínios como a Botânica, a Zoologia, a Mineralogia, a Lógica, a Ética e a Metafísica, esta expedição científica ao Brasil revela-se um sólido exemplo da união entre os interesses científicos, políticos e económicos do Estado português.

**Palavras-chave:** Alexandre Rodrigues Ferreira; Amazónia; Brasil; comunidades locais; viagem filosófica

### **Abstract**

The present article focuses on the study of the local communities of the Amazon, having as its main observatory the philosophical voyage of Alexandre Rodrigues Ferreira to Brazil, between 1783 and 1792. During nine years, this trip collected information on the Botany, Zoology, Biology and Anthropology of the Brazilian territory. Thus, this paper aims to understand how the naturalist in charge of this journey, Alexandre Rodrigues Ferreira (1756-1815), and his team, consisting of two illustrators, José Joaquim Freire and Joaquim José Codina, as well as a botanical gardener, Agostinho do Cabo, perceived and represented the local communities of the Amazon. To accomplish such proposal, the use of sources produced during this expedition intends to provide a survey of some data about the native peoples. Set in the eighteenth century, corresponding to the promotion of Natural History and its respective fields such as Botany, Zoology, Mineralogy, Logic, Ethics and Metaphysics, this scientific expedition to Brazil is a solid example of the union between the scientific, political, and economic interests of the Portuguese state.

**Keywords:** Alexandre Rodrigues Ferreira; Amazon; Brazil; local communities; philosophical voyages

## **Abreviaturas e siglas**

AHC – Arquivo Histórico Ultramarino

ANTT – Arquivo Nacional Torre do Tombo

ARCL - Academia Real das Ciências de Lisboa

BND Brasil - Biblioteca Nacional Digital do Brasil

BND Portugal - Biblioteca Nacional Digital de Portugal

Loc. - Localização

## Introdução

A viagem filosófica pelas capitanias do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá, entre 1783 e 1792, resultou numa vasta produção documental, escrita e iconográfica, sobre temáticas que podem, nos dias correntes, ser encaixadas em quatro áreas dominantes, a Botânica, a Zoologia, a Geografia e a Antropologia<sup>233</sup>. Ainda assim, devemos compreender que os assuntos relativos a estas temáticas se encaixavam, no século XVIII, na denominada *Filosofia Natural*, conceito que será devidamente desenvolvido adiante. É na temática relacionada com a área de estudo que hoje designamos por *Antropologia* que se centra a atenção do presente artigo, que tem como objetivo principal compreender o olhar do naturalista-chefe, Alexandre Rodrigues Ferreira, autor de inúmeros documentos escritos produzidos em contexto desta expedição, mas também dos *riscadores*<sup>234</sup> que o acompanharam, José Joaquim Freire e Joaquim José Codina. A estes dois últimos estava incumbida a responsabilidade de executar ilustrações a respeito de alguns aspetos da viagem, entre os quais os que se relacionavam com as comunidades locais da Amazónia.

Para a concretização do objetivo que nos propomos a atingir, será necessário responder a algumas questões de partida, que nos guiem na análise documental devidamente explorada no presente artigo. Em primeiro lugar, é crucial compreender a natureza das observações feitas pelo naturalista-chefe da expedição e pela sua equipa, isto é, perceber quais os aspetos mais salientados nas fontes primárias. Consequentemente, entender se existem discrepâncias nas várias descrições destas comunidades, ou seja, compreender se as fontes escritas e iconográficas se coadunam, ou não, entre si. Por último, e talvez a questão mais complexa a tentar responder, de que forma esta viagem contribuiu para o conhecimento das comunidades locais da Amazónia, no Brasil?

O presente trabalho congrega ainda informações sobre o estado da arte do tema, destacando alguns trabalhos e autores incontornáveis para a compreensão e, eventualmente, um estudo mais aprofundado sobre a expedição em questão. Posteriormente, será também feita uma contextualização desta viagem, com o propósito de realizar um enquadramento desta iniciativa e compreender as razões da sua execução.

---

<sup>233</sup> As áreas mencionadas anteriormente apenas se desenvolveram como tal durante o século XIX. Por isso, a utilização destas designações pautou-se apenas por uma questão prática, para que o leitor compreenda que a viagem filosófica chefiada por Alexandre Rodrigues Ferreira não se caracterizou apenas pela observação e descrição das comunidades locais do Brasil.

<sup>234</sup> *Riscador* é a palavra que designa a pessoa encarregue de ilustrar os aspetos concernentes à viagem. A expressão é equivalente à palavra *ilustrador* nos dias correntes.

Partindo destas informações, o artigo segue com a pesquisa das fontes primárias, a seleção, a crítica e a metodologia aplicada às mesmas, apresentando no final os resultados deste percurso de investigação.

## 1. Estado da arte

A leitura de bibliografia adequada ao tema é uma das etapas essenciais a qualquer trabalho de investigação. Por seu turno, a seleção da mesma exigiu a definição de critérios que pudessem responder ao que procurávamos. Em primeiro lugar, o que é uma *viagem filosófica*? Que entidade tomou a iniciativa de realizar esta expedição? Quais as razões para tal execução? De que forma esta foi realizada? Quais os seus objetivos? Quem era Alexandre Rodrigues Ferreira e quais as razões da escolha desta personagem para a chefia da viagem ao Brasil?

Foi com o acesso a bases de dados e a repositórios institucionais, e com a respetiva pesquisa nas mesmas ferramentas, que selecionamos uma ampla bibliografia baseada nas questões colocadas anteriormente. É relevante referir que o tema em questão prima pela interdisciplinaridade, encontrando não apenas historiadores a investigar sobre o tema, mas também pessoas com formações académicas distintas. Para além disso, não nos baseamos apenas em bibliografia recente para executar o presente artigo. Na verdade, as leituras efetuadas balizam-se entre 1939 e 2021, o que permitiu também compreender as transformações relativas à abordagem do assunto ao longo do tempo.

A historiografia sobre este tópico debruça-se essencialmente sobre dois ângulos de análise. Por um lado, o primeiro dedica-se a tratar a vida, obra e carreira do naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira, mencionando a viagem filosófica como exemplo de iniciativa do século XVIII, que tinha como principal objetivo o conhecimento efetivo do espaço em questão e das circunstâncias que se relacionavam com o mesmo. Por outro lado, a segunda perspetiva, que remete para uma historiografia mais recente, aposta no estudo desta expedição científica e de todo o acervo produzido resultante da mesma. Deste modo, destacamos alguns investigadores que desenvolveram trabalhos sobre o assunto e que são incontornáveis para o entendimento do tema que ocupa o presente artigo. Primeiramente, no que respeita à bibliografia que retrata a vida, obra e carreira de Alexandre Rodrigues Ferreira, destacam-se os seguintes investigadores, segundo ordem alfabética, e os seus estudos devidamente referenciados em nota de rodapé: Manuel

Cadafaz de Matos<sup>235</sup>; Osvaldo Rodrigues da Cunha<sup>236</sup>; Rosemarie Erika Horch<sup>237</sup> e Virgílio Corrêa Filho<sup>238</sup>. No que concerne ao segundo ângulo historiográfico, que se foca em entender e explorar o conteúdo da viagem filosófica, destacam-se os seguintes autores, também elencados segundo ordem alfabética: Ângela Domingues<sup>239</sup>; Christian Fausto Moraes dos Santos, Eulália Maria Aparecida Moraes e Rafael Dias da Silva Campos<sup>240</sup>;

---

<sup>235</sup> MATOS, Manuel Cadafaz de - *No segundo centenário da Viagem Filosófica, de Alexandre Rodrigues Ferreira, por terras do Brasil*. Lisboa: Academia da Marinha, 1993

<sup>236</sup> CUNHA, Osvaldo Rodrigues da - *O naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira: uma análise comparativa de sua Viagem Filosófica (1783-1793) pela Amazônia e Mato Grosso com a de outros naturalistas posteriores*. [Em linha]. Belém-Pará: Museu Paraense Emilio Goeldi, 1991. [Consult. 4 novembro 2021]. Disponível na Internet: <URL:https://repositorio.museu-goeldi.br/handle/mgoeldi/486>. ISBN 85-7098-023-X

<sup>237</sup> HORCH, Rosemarie Erika - Alexandre Rodrigues Ferreira, um cientista brasileiro do século XVIII. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros* [Em linha]. N°30 (1989), p. 149-159 [Consult. 8 novembro 2021]. Disponível na Internet: <URL:https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/70489>. ISSN 2316-901X

<sup>238</sup> FILHO, Virgílio Corrêa - *Alexandre Rodrigues Ferreira: vida e obra do grande naturalista brasileiro*. [Em linha]. Rio de Janeiro: Companhia Editoria Nacional, 1939. [Consult. 5 de novembro 2021] Disponível na Internet: <URL: http://bndigital.bn.gov.br/acervodigital>

<sup>239</sup> DOMINGUES, Ângela - No trilha da "viagem filosófica" de Alexandre Rodrigues Ferreira: uma breve história das suas coleções e sua disseminação. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas* [Em linha]. Vol.16, n°3 (2021), p. 1-15. [Consult. 6 novembro 2021]. Disponível na Internet: <URL: https://www.scielo.br/j/bgoeldi/i/2021.v16n3/>. ISSN 2178-2547

DOMINGUES, Ângela - Para um melhor conhecimento dos domínios coloniais: a constituição de redes de informação no Império Português em finais do Setecentos. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos* [Em linha]. Vol. 8, suplemento (2001), p. 823-838. [Consult. 6 novembro 2021]. Disponível na Internet: <URL: https://www.scielo.br/j/hcsm/i/2001.v8suppl0/>.ISSN 1678-4758

DOMINGUES, Ângela - *Viagens e exploração geográfica na Amazônia em finais do século XVIII: política, ciência e aventura*. Lisboa: Instituto de História de Além Mar, 1991. (Analecta transmarina). ISBN 972-648-052-3

<sup>240</sup> MORAES, Eulália Maria Aparecida de; SANTOS, Christian Fausto Moraes dos; CAMPOS, Rafael Dias da Silva - Filosofia Natural Lusa: A Viagem Philosophica e a Política Iluminista na América Portuguesa Setecentista. *Confluenze - Rivista di Studi Iberoamericani* [Em linha]. Vol. 4, n°1 (2011), p. 75-91. [Consult. 9 novembro 2021]. Disponível na Internet: <URL: https://confluenze.unibo.it/article/view/3083>. ISSN 2036-0967

Ermelinda Pataca Moutinho<sup>241</sup>; Lorelai Kury<sup>242</sup>, Ronald Raminelli<sup>243</sup> e William Joel Simon<sup>244</sup>.

Os autores consultados são salientados na contextualização que se segue sobre a viagem filosófica. No entanto, são também mencionados outros trabalhos que, apesar de importantes para o entendimento da questão, são complementares para a compreensão dos seus contornos e, por isso, são estudos coadjuvantes.

## 2. Contextualização da viagem filosófica ao Brasil (1783-1792)

### 2.1. O Iluminismo na Europa

Se é verdade que o *Iluminismo* desempenhou um papel de relevo no pensamento europeu<sup>245</sup>, não podemos perceber este fenómeno como uma característica que se cinge à Europa da Época Moderna. A visão dominante sobre este tópico debruçou-se sobre aquilo que o historiador Sebastian Conrad apelida de *singularidade europeia*, como se o *Iluminismo* tivesse sido apenas fruto da cultura deste continente durante a Idade Moderna. A explicação predominante para este fenómeno, baseada no eurocentrismo, tem vindo a alterar-se. Desta forma, devemos compreender o século XVIII, tempo que ocupa o presente artigo, como um século com dinâmicas influenciadas pelas centúrias anteriores, percebendo que o *Iluminismo* foi uma troca e convergência de ideias, provenientes de intelectuais e locais distintos, que não apenas os europeus<sup>246</sup>.

---

<sup>241</sup> PATACA, Ermelinda Moutinho; PINHEIRO, Rachel - Instruções de viagem para a investigação científica do território brasileiro. *Sociedade Brasileira de História da Ciência* [Em linha]. Vol. 3, nº3 (2005), p. 58-79. [Consult. 1 março de 2022]. Disponível na Internet: <URL: [https://www.sbh.org.br/arquivo/download?ID\\_ARQUIVO=126](https://www.sbh.org.br/arquivo/download?ID_ARQUIVO=126)> ISSN 2176-3275

PATACA, Ermelinda – *Terra, água e ar nas viagens portuguesas (1755-1808)*. [Em linha]. São Paulo: Universidade Estadual de Campinas, 2006. [Consult. 18 setembro 2023]. Tese de Doutoramento. Disponível em WWW: <URL: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/364616>>

<sup>242</sup> KURY, Lorelai – Homens de ciência no Brasil: impérios coloniais e circulação de informações (1780-1810). *História, Ciências, Saúde – Manguinhos* [Em linha]. Vol. 11, suplemento 1 (2004), p. 109-129. [Consult. 9 novembro 2021]. Disponível na Internet: <URL: <https://www.scielo.br/j/hcsm/i/2004.v11suppl1/>>. ISSN 1806-9592

<sup>243</sup> RAMINELLI, Ronald – Ciência e colonização – Viagem filosófica de Alexandre Rodrigues Ferreira. *Tempo* [Em linha] Nº 6 (1997). [Consult. 6 de janeiro de 2022]. Disponível na Internet: <URL: [https://www.historia.uff.br/tempo/artigos\\_livres/artg6-10.pdf](https://www.historia.uff.br/tempo/artigos_livres/artg6-10.pdf)>. ISSN 1980-542X

RAMINELLI, Ronald; SILVA, Bruno – Teorias e imagens antropológicas na Viagem Filosófica de Alexandre Rodrigues Ferreira (1783-1792). *Boletim Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*. Vol. 9, Nº 2 (2014), p. 323-342. [Consult. 6 de janeiro de 2022]. Disponível na Internet: <URL: <https://www.scielo.br/j/bgoeldi/a/J3ynVVbCdXj84Y3htFXTW8S/?lang=pt>>. ISSN 1981-8122

<sup>244</sup> SIMON, William Joel - *Scientific expeditions in the portuguese overseas territories (1783-1808) and the role of Lisbon in the intellectual-scientific community of the late eighteenth century*. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical, 1983. (Centro de estudos de cartografia antiga)

<sup>245</sup> BAUMER, Franklin L. - *O pensamento europeu moderno*. Lisboa: Edições 70, 1990. Vol. 1. s/ISBN

<sup>246</sup> CONRAD, Sebastian - Enlightenment in Global History: A Historiographical Critique. *The American Historical Review* [Em linha]. Vol. 117, nº 4 (2012), p. 999-1027. [Consult. 2 setembro 2023]. Disponível

No que respeita à Europa<sup>247</sup>, de forma bastante sumária, o *Iluminismo* abrangeu inúmeras áreas, como a Filosofia, bem como aquelas que atualmente designamos como *ciências sociais e naturais*. Grosso modo, este fenómeno, reservado às elites, visava o progresso da sociedade através da utilização da Razão, sendo de modo geral caracterizado pelos seus valores otimistas em relação ao futuro<sup>248</sup>. A razão-crítica foi a chave para o Racionalismo, que já se tinha vindo a destacar ainda no século XVII. Outra particularidade para o entendimento do século XVIII é a existência da imprensa há largas centúrias, que teve um papel fundamental na disseminação do conhecimento científico<sup>249</sup>.

As várias formas de influência do *Iluminismo* nos diversos cantos da Europa traduziram-se numa pluralidade de realidades ao longo deste continente<sup>250</sup>. Segundo esta perspectiva, as análises comparativas podem ser arriscadas, na medida em que esvaziam determinadas regiões de especificidades em detrimento de uma confrontação que, algumas vezes, não é necessária para um entendimento pleno de um determinado tópico. Todavia, compreender as influências deste movimento cultural no reino português é fundamental para entender a viagem filosófica ao Brasil. Visando, alguns autores, a opinião de que o domínio colonial era exercido segundo julgamentos eurocêntricos<sup>251</sup>, que concebiam a Europa como *civilizada* e os domínios ultramarinos como espaços *bárbaros*<sup>252</sup>, a expedição científica executada neste local surge como observatório pertinente para o estudo das comunidades locais.

---

na Internet: <URL: <https://academic.oup.com/ahr/article/117/4/999/33183>> ISSN 1937-5239

<sup>247</sup> Note-se que este movimento não teve as mesmas características em todos os locais onde se desenvolveu. Desta forma, é essencial demonstrar que as influências do *Iluminismo* podem ser mais ténues ou mais fortes dependendo do lugar estudado.

<sup>248</sup> SILVA, Kalina Vanderlei; Silva, Maciel Henrique – Iluminismo. In SILVA, Kalina Vanderlei; Silva, Maciel Henrique – *Dicionário de conceitos históricos*. São Paulo: Contexto, 2015.

<sup>249</sup> SANTOS, Christian Fausto Moraes dos – Das memórias do Arco do Cego: divulgação científica na América Portuguesa do século XVIII. *Diálogos* [Em linha]. Vol. 12, nº 1 (2008), p. 207-225. [Consult. 10 novembro 2021]. Disponível na Internet: <URL: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Diálogos/article/view/38212>>. ISSN 2177-2940

<sup>250</sup> ARAÚJO, Ana Cristina – *A Cultura das Luzes em Portugal: temas e problemas*. Lisboa: Livros Horizonte, 2003. (Temas de História de Portugal). ISBN 972-24-1233-8

<sup>251</sup> RAMINELLI, Ronald – Ciência e colonização – Viagem filosófica de Alexandre Rodrigues Ferreira. *Tempo*. [Em linha] Nº 6 (1997). [Consult. 6 de janeiro de 2022]. Disponível na Internet: <URL: [https://www.historia.uff.br/tempo/artigos\\_livres/art6-10.pdf](https://www.historia.uff.br/tempo/artigos_livres/art6-10.pdf)>. ISSN 1980-542X

RAMINELLI, Ronald; SILVA, Bruno – *Teorias e imagens antropológicas na Viagem Filosófica de Alexandre Rodrigues Ferreira (1783-1792)*. Boletim Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas. Vol. 9, Nº 2 (2014), p. 323-342. [Consult. 6 de janeiro de 2022]. Disponível na Internet: <URL: <https://www.scielo.br/j/bgoeldi/a/J3ynVVbCdXj84Y3htFXTW8S/?lang=pt>>. ISSN 1981-8122

<sup>252</sup> LEITE, José Nailton; LEITE, Cecília Sayonara G. – Alexandre Rodrigues Ferreira e a formação do pensamento social na Amazônia. *Estudos Avançados* [Em linha]. Vol. 25, nº68 (2010), p. 273-289. [Consult. 9 novembro 2021]. Disponível na Internet: <URL: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10478>>. ISSN 1806-9592

Portanto, compreendemos que as questões relacionadas com o *Iluminismo* são complexas<sup>253</sup> e devem ser acompanhadas por uma reflexão sobre os contextos onde este fenómeno teve influência, percebendo as especificidades de cada espaço.

## 2.2. O *Iluminismo* português

O *Iluminismo*, tanto em Portugal como em outros locais, foi um movimento intelectual bastante diverso e complexo, que pode ser observado segundo inúmeras perspetivas. No que respeita ao presente trabalho, interessa compreender de que modo este fenómeno afetou o conhecimento científico no reino português.

Segundo este ponto de vista, destacamos as reformas nos estudos superiores, uma vez que este ângulo de análise se relaciona intrinsecamente com a viagem científica ao Brasil. Salientamos o reinado de D. José I (1750-1777), bem como a ação do seu secretário de Estado dos Negócios do Reino, Sebastião José de Carvalho e Melo, Marquês de Pombal (1699-1782). Apesar de não ter sido uma iniciativa executada durante o reinado mencionado, as mudanças promovidas durante o mesmo foram o mote para que, mais tarde, durante o governo de D. Maria I (1777-1816), as políticas ultramarinas possuíssem a necessidade de conhecimento efetivo dos territórios colonizados. Na Universidade de Coimbra, instituição que formava as elites dirigentes do reino português, estas transformações pautaram-se pela contratação de professores estrangeiros para lecionarem em Portugal, estimulando a área da História Natural<sup>254</sup>. Sobre esta questão, destacamos a figura de Domenico Vandelli (1735-1816), italiano<sup>255</sup>. Evidenciamos a importância desta ação, na medida em que sabemos que Vandelli trocava correspondência

---

<sup>253</sup> Ainda que o presente artigo não se caracteriza por uma discussão relacionada apenas com o *Iluminismo*, consideramos importante sugerir alguns trabalhos para o aprofundamento do tópico em questão: O'BRIEN, Karen – *Narratives of Enlightenment. Cosmopolitan History from Voltaire to Gibbon*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997. ISBN 9780511519079

PADGEN, Anthony – *The Enlightenment and Why It Still Matters*. Oxford: Oxford University Press, 2013. ISBN 9780199660933

PORTER, Roy - *The Creation of the Modern World: The Untold Story of the British Enlightenment*. New York: W.W. Norton, 2000.

<sup>254</sup> CARVALHO, Rómulo de - *A História Natural em Portugal no século XVIII*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1987. (Biblioteca breve). s/ISBN

<sup>255</sup> CARNEIRO, Ana; SIMÕES, Ana – Enlightenment Science In Portugal: The Estrangeirados and their Communication NetWorks. *Social Studies of Science – SAGE Journals* [Em linha]. Vol.30, nº4 (2000), p. 591-619. [Consult. 4 novembro 2021]. Disponível na Internet: <URL:https://journals.sagepub.com/action/doSearch?filterOption=thisJournal&SeriesKey=sssb&AllField=Enlightenment+Science+in+Portugal+>. ISSN 1460-3659



com Carl Von Linné<sup>256</sup>, sueco, fundador da taxonomia moderna<sup>257</sup>, demonstrando o acompanhamento da produção de conhecimento científico que se executava em locais distintos. Este exemplo leva-nos a compreender a circulação de conhecimento durante a Época Moderna, uma vez que o método de classificação de seres vivos mencionados era já aceite por alguns intelectuais no século XVIII, nomeadamente em Portugal e na Espanha<sup>258</sup>.

Vandelli começou por lecionar no Real Colégio dos Nobres, sendo posteriormente professor de Alexandre Rodrigues Ferreira, na Universidade de Coimbra, na área de História Natural. Sobre esta instituição devemos ainda referir que as reformas dos estudos se aliaram aos valores da racionalidade, no que respeita ao conhecimento científico, criando alguns organismos que materializaram estas vontades, como foi o caso da Faculdade de Filosofia onde estudou Alexandre. Entre os restantes organismos destacam-se o Gabinete de História Natural da Universidade de Coimbra, essencial para o aprofundamento do conhecimento nesta área<sup>259</sup>, sendo também crucial indicar o papel do Jardim Botânico da Ajuda, interpretado como um polo de preparação e de execução da viagem filosófica ao Brasil<sup>260</sup>. Portanto, as reformas mencionadas podem ser

---

<sup>256</sup> Carl Von Linné é uma figura completamente crucial para o entendimento da expedição científica que se realizou no Brasil entre 1783 e 1792. A taxonomia fundada por este foi amplamente divulgada durante o século XVIII. Contudo, esta divulgação só pode ser entendida se percebermos de que forma este mantinha uma ampla rede de contactos com os intelectuais europeus. Entre algumas das personagens com quem Linné trocava correspondência encontra-se Domenico Vandelli, professor de Alexandre Rodrigues Ferreira durante o tempo em que este foi aluno na Universidade de Coimbra. Claro está que esta viagem filosófica não se explica apenas por esta rede de contactos, mas há que salientar a importância das trocas de conhecimento científico durante o século XVIII.

<sup>257</sup> A taxonomia moderna é uma forma utilizada para classificar os seres vivos, dividindo os mesmos numa hierarquia. Era, por isso, uma forma de organização. A pertinência desta afirmação prende-se com o facto de a viagem filosófica em questão abranger também áreas como a Botânica ou a Zoologia, para além das comunidades locais que ocupam o presente artigo.

<sup>258</sup> GARCÍA, Margarita Eva Rodríguez – Lejos del gabinete: viajes científicos a la América portuguesa y española (1777-1792) y representación de la naturaleza. *Memorias – revista digital de Historia y Arqueología desde el caribe colombiano* [Em linha]. Nº25 (2015), p. 144-177. [Consult. 8 novembro 2021]. Disponível na Internet: <URL: <https://www.redalyc.org/toc.oa?id=855&numero=36228>>. ISSN 1794-8886

GARCÍA, Margarita Eva Rodríguez; COSTA, Ana Maria – Relaciones ocultas a fines del siglo XVIII: la specimen florae americanae meridionalis (1780) del Real Jardim Botânico da Ajuda y los diseños científicos de la Real Expedición Botánica al virreinato peruano. *Revista de Historia de la Medicina y de la Ciencia* [Em linha]. Vol. 68, nº1 (2016) [Consult. 8 novembro 2021]. Disponível na Internet: <URL: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5807382>>. ISSN L:0210-4466

<sup>259</sup> POMBO, Nívia -A cidade, a universidade e o Império: Coimbra e a formação das elites dirigentes (séculos XVII-XVIII). *Intellèctus*. [Em linha]. Vol. 4, nº2 (2015). [Consult. 9 setembro 2023]. Disponível na Internet: <URL: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/intellèctus/article/view/20978>>. ISSN 1676-7640

<sup>260</sup> PATACA, Ermelinda – *Terra, água e ar nas viagens portuguesas (1755-1808)*. [Em linha]. São Paulo: Universidade Estadual de Campinas, 2006. [Consult. 18 setembro 2023]. Tese de Doutorado. Disponível em WWW: <URL: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/364616>>

interpretadas como uma cooperação entre o Estado português e a Universidade de Coimbra<sup>261</sup>.

### 2.3. O conceito de *Filosofia Natural* e as motivações para a viagem filosófica ao Brasil

Apesar das reformas nos estudos executadas durante o governo de D. José I, foi apenas no reinado da sua filha, D. Maria I (1777-1816), que a iniciativa de exploração dos territórios ultramarinos foi lançada. Apesar do seu reinado ter ficado conhecido como a *viradeira*, segundo alguns investigadores o tempo em que reinou pautou-se pela manutenção de algumas características provenientes do reinado anterior<sup>262</sup>. Um elemento transversal aos dois reinados, que marcou também o século XVIII e é de capital importância para a compreensão da expedição científica em questão, é o conceito de *Filosofia Natural*.

A definição deste último é bastante complexa e não pode deixar de ser compreendida segundo um panorama mais amplo do que apenas a Época Moderna. A *Filosofia Natural* deriva de um desenvolvimento de dinâmicas e transformações constantes sobre o conhecimento científico, não devendo ser interpretado como uma particularidade do século XVIII. Por seu turno, as frequentes transformações mencionadas eram executadas através de uma reinterpretação de trabalhos de alguns intelectuais da Antiguidade, figuras com larga influência no campo científico até aos finais da Idade Moderna e princípios da contemporaneidade<sup>263</sup>. Chegando ao século XVIII, este conceito abrangia conhecimento respeitante a “animais, plantas e minerais, além da Matemática [...], Astronomia, Química, e a Medicina”<sup>264</sup>. Através da convergência de vários aspetos respeitantes a estas áreas, a *Filosofia Natural* tinha como

---

<sup>261</sup> POMBO, Nívia - A cidade, a universidade e o Império: Coimbra e a formação das elites dirigentes (séculos XVII-XVIII). *Intellectus*. [Em linha]. Vol. 4, nº2 (2015). [Consult. 9 setembro 2023]. Disponível na Internet: <URL: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/intellectus/article/view/20978>>. ISSN 1676-7640

<sup>262</sup> RAMOS, Luís A. de Oliveira - *D. Maria I*. Mem Martins: Círculo de Leitores, 2007. (Reis de Portugal). ISBN 978-972-42-3901-9

<sup>263</sup> CONCEIÇÃO, Gisele C. - *Natureza Ilustrada: Processos de construção e circulação de conhecimento filosófico-natural sobre o Brasil na segunda metade do século XVIII*. [Em linha]. Porto: CITCEM - Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória, 2019. [Consult. 6 novembro 2021]. Cap. 1 - Filosofia Natural. Disponível em WWW: <URL: <https://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id024id1727&sum=sim>>. ISBN 978-989-8970-21-3

<sup>264</sup> CONCEIÇÃO, Gisele C. - *Natureza Ilustrada: Processos de construção e circulação de conhecimento filosófico-natural sobre o Brasil na segunda metade do século XVIII*. [Em linha]. Porto: CITCEM - Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória, 2019. [Consult. 6 novembro 2021]. Cap. 1 - Filosofia Natural, p. 31. Disponível em WWW: <URL: <https://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id024id1727&sum=sim>>. ISBN 978-989-8970-21-3.

principal função a compreensão do Universo como “um todo interligado”<sup>265</sup>. De uma forma bastante sucinta, o conceito em questão representava um meio para atingir a compreensão da relação entre o Homem e o que o circundava, o Universo, nas suas várias facetas. Compreender este conceito é também crucial para relacionar as categorias que existiam, já no século XVIII, para diferenciar de forma teórica as viagens exploratórias. As primeiras eram as *viagens políticas*, onde os investigadores deviam levantar dados concernentes às pessoas que ocupavam um determinado espaço, tecendo também considerações sobre outros aspetos da sua vida, como é o caso da jurisprudência, dos seus transportes e das suas relações comerciais. Por outro lado, e ainda que vejamos algumas características semelhantes entre as categorias estabelecidas, as *viagens filosóficas* deviam recolher informações respeitantes aos três reinos, a saber, animal, vegetal e mineral<sup>266</sup>.

Por isso, a expedição de Alexandre Rodrigues Ferreira pode ser interpretada como uma materialização do conceito de *Filosofia Natural* e das transformações que, através do movimento iluminista, se deram em Portugal durante o século XVIII. Assim sendo, encontra-se em evidência o carácter científico desta expedição, não esquecendo também que foi durante o reinado de D. Maria I que ocorreu a fundação da Academia Real das Ciências de Lisboa, em 1779, que manteve estreitas relações com a divulgação do conhecimento científico entre as elites intelectuais<sup>267</sup>. Porém, as motivações científicas não foram as únicas que deram origem à viagem filosófica com destino ao Brasil.

Os motivos de ordem económica foram também um motor preponderante para a realização deste tipo de expedições. Os recursos minerais, como o ouro e os diamantes do Brasil, escasseavam no final do século XVIII. Para além disso, Portugal apresentava uma balança comercial negativa, importando mais do que exportava<sup>268</sup>. Tendo como objetivo o equilíbrio destes dois denominadores, o reconhecimento dos recursos a

---

<sup>265</sup> CONCEIÇÃO, Gisele C. - *Natureza Ilustrada: Processos de construção e circulação de conhecimento filosófico-natural sobre o Brasil na segunda metade do século XVIII*. [Em linha]. Porto: CITCEM - Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória, 2019. [Consult. 6 novembro 2021]. Cap. 1 - Filosofia Natural, p. 31. Disponível em WWW: <URL: <https://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id024id1727&sum=sim>>. ISBN 978-989-8970-21-3.

<sup>266</sup> PATACA, Ermelinda – *Terra, água e ar nas viagens portuguesas (1755-1808)*. [Em linha]. São Paulo: Universidade Estadual de Campinas, 2006. [Consult. 18 setembro 2023]. Tese de Doutoramento. Disponível em WWW: <URL: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/364616>>

<sup>267</sup> BRAGA, Isabel Drumond – Luzes, natureza e pragmatismo em Portugal: o contributo da Real Academia das Ciências no século XVIII. *Revista Tempo* [Em linha]. Vol. 22, nº41 (2016), p. 551-565. [Consult. 2 novembro 2021]. Disponível na Internet: <URL: <https://www.scielo.br/j/tem/i/2016.v22n41/>>. ISSN 1980-542X

<sup>268</sup> SILVA, Maria Beatriz Nizza de – O Império Luso-Brasileiro: 1750-1822. In. SERRÃO, Joel; MARQUES, A.H. de Oliveira – *Nova História da Expansão Portuguesa*. Lisboa: Editorial Estampa, 1986

explorar nas colónias afigurou-se um ato essencial para colmatar estas dificuldades, tendo sido esta perspetiva largamente promovida por Vandelli, que defendia que o conhecimento científico devia estar ao serviço da economia portuguesa<sup>269</sup>.

Para além destas motivações, o carácter geopolítico da expedição deve ser alvo de breves comentários. Na sequência da assinatura do Tratado de Madrid, em 1750, tentando resolver algumas disputas entre Portugal e Espanha, o Tratado de Santo Ildefonso emerge, em 1777, visando a resolução de alguns problemas relacionados com os limites territoriais das colónias sul-americanas dos dois reinos mencionados. Assim, o esforço para definir a fronteira entre as colónias dos países ibéricos materializou-se no envio de comissões aos territórios ultramarinos, cuja principal função era cartografar estas delimitações. No entanto, para lograr tal objetivo era necessário conhecer de forma efetiva o espaço<sup>270</sup>.

Se, por um lado, os fatores mencionados condicionaram os objetivos da viagem, por outro, revelam-se como características específicas desta expedição, uma vez que não havia padrões estabelecidos para estas viagens, ainda que existissem instruções. Deste modo, as expedições científicas devem ser interpretadas como uma convergência de interesses, tanto dos naturalistas que as chefiavam, que procuravam uma solidificação da carreira, mas também daqueles que incentivavam a viagem. No caso português, destacamos neste último ponto o Estado português e o financiamento fornecido à viagem, mas também Domenico Vandelli quando sugeriu Alexandre Rodrigues Ferreira como intelectual indicado para ocupar o lugar de naturalista-chefe da viagem ao Brasil, como veremos adiante. Tendo chegado a Portugal em 1764, Vandelli desenvolveu inúmeras ações que serviram para transformar e solidificar o conhecimento científico do século XVIII<sup>271</sup>.

#### **2.4. A equipa da viagem filosófica ao Brasil**

A necessidade do conhecimento efetivo dos espaços coloniais gerou o lançamento de várias expedições que percorreram os territórios ultramarinos portugueses, entre os quais o Brasil. A viagem a este local foi chefiada pelo naturalista Alexandre Rodrigues

---

<sup>269</sup> CARDOSO, José Luís - From natural history to political economy: the enlightened mission of Domenico Vandelli in late eighteenth-century Portugal. *Studies In History and Philosophy of Science* [Em linha]. Vol.34, nº4 (2003), p. 781-803. [Consult. 2 novembro 2021]. Disponível na Internet: <URL: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0039368103000645>>. ISSN 0039-3681

<sup>270</sup> DOMINGUES, Ângela – *Viagens e exploração geográfica na Amazônia em finais do século XVIII: política, ciência e aventura*. Lisboa: Instituto de História de Além Mar, 1991. (Analecta transmarina.). ISBN 972-648-052-3

<sup>271</sup> PATACA, Ermelinda – *Terra, água e ar nas viagens portuguesas (1755-1808)*. [Em linha]. São Paulo: Universidade Estadual de Campinas, 2006. [Consult. 18 setembro 2023]. Tese de Doutoramento. Disponível em WWW: <URL: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/364616>>

Ferreira. Nascido a 27 de abril de 1756<sup>272</sup> na cidade de Salvador, na capitania da Bahia de Todos os Santos, no Brasil, no seio de uma família com algumas posses económicas, suspeita-se que o seu pai, Manuel Rodrigues Ferreira, tenha sido um traficante de escravos e que pretendia que Alexandre prosseguisse a carreira eclesiástica<sup>273</sup>. Apesar de ter tomado as ordens menores com apenas 12 anos, no Brasil<sup>274</sup>, Ferreira veio para Portugal dois anos mais tarde, inscrevendo-se, entre 1772 e 1773, na Faculdade de Leis. Todavia, as reformas dos estudos superiores que se vinham a desenvolver levaram a que o futuro naturalista se matriculasse, em 1774, na Faculdade de Filosofia, onde terminou o curso quatro anos depois, em 1778<sup>275</sup>.

A convite de um dos seus professores, Domenico Vandelli, cuja importância também já foi abordada, tornou-se demonstrador de História Natural na Universidade e, em 1779, doutor em Filosofia. Entre 1780 e 1783 foi eleito sócio correspondente da Academia Real das Ciências de Lisboa e realizou trabalhos de treino para a expedição que viria a protagonizar em 1783, praticando a observação e a descrição e desenvolvendo também alguns estudos de descrição de produtos naturais no Real Museu da Ajuda<sup>276</sup>. Através de Vandelli, Alexandre foi indicado a Martinho de Melo e Castro, secretário dos Negócios da Marinha e Domínios Ultramarinos, para desempenhar o papel de naturalista-chefe desta viagem. Com este percurso académico e com a sua carreira profissional, Alexandre Rodrigues Ferreira percorreu, durante nove anos, cerca de 39. 000 km com a sua equipa<sup>277</sup>. A expedição foi executada através dos cursos fluviais existentes no

---

<sup>272</sup> A bibliografia que consultamos aponta a data mencionada para o nascimento de Alexandre Rodrigues Ferreira. Contudo, esta mesma bibliografia também nos informa que existem opiniões divergentes quanto ao mês do nascimento do naturalista. Se, por um lado, alguns autores apontam para o mês de abril, por outro, há estudiosos que indicam o mês de setembro.

<sup>273</sup> CUNHA, Osvaldo Rodrigues da – *O naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira: uma análise comparativa de sua Viagem Filosófica (1783-1793) pela Amazônia e Mato Grosso com a de outros naturalistas posteriores*. [Em linha]. Belém-Pará: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1991. [Consult. 4 novembro 2021]. Disponível na Internet: <URL:https://repositorio.museu-goeldi.br/handle/mgoeldi/486>. ISBN 85-7098-023-X

<sup>274</sup> FILHO, Virgílio Corrêa – *Alexandre Rodrigues Ferreira: vida e obra do grande naturalista brasileiro*. [Em linha]. Rio de Janeiro: Companhia Editoria Nacional, 1939. [Consult. 5 de novembro 2021] Disponível na Internet: <URL: http://bndigital.bn.gov.br/acervodigital>

<sup>275</sup> HORCH, Rosemarie Erika – Alexandre Rodrigues Ferreira, um cientista brasileiro do século XVIII. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros* [Em linha]. Nº30 (1989), p. 149-159 [Consult. 8 novembro 2021]. Disponível na Internet: <URL:https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/70489>. ISSN 2316-901X

<sup>276</sup> MATOS, Manuel Cadafaz de - *No segundo centenário da Viagem Filosófica, de Alexandre Rodrigues Ferreira, por terras do Brasil*. Lisboa: Academia da Marinha, 1993

<sup>277</sup> Consultar o mapa 1 nos anexos - SIMON, William Joel - *Scientific expeditions in the portuguese overseas territories (1783-1808) and the role of Lisbon in the intellectual-scientific community of the late eighteenth century*. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical, 1983. (Centro de estudos de cartografia antiga)

território brasileiro, sendo inicialmente planeado efetuar a deslocação da equipa a partir dos rios entre as regiões de Belém e Cuiabá, regressando pelo Rio Tocantins. No entanto, este plano foi alterado aquando do decurso da viagem, voltando a equipa pelos mesmos cursos fluviais que tinha utilizado na sua ida<sup>278</sup>.

A escolha de Alexandre Rodrigues Ferreira parece ter correspondido a alguns parâmetros estabelecidos previamente. Segundo Ermelinda Pataca e a sua interpretação do trabalho de José António de Sá<sup>279</sup>, membro correspondente da Academia Real das Ciências de Lisboa, e doutor em Leis pela Universidade de Coimbra, os viajantes deviam ter inúmeras qualidades “do corpo, dotes da alma, instrução política e instrução filosófica”<sup>280</sup>. Sobre os dois últimos aspetos mencionados, compreendemos a importância da formação na Universidade de Coimbra e o facto de um vasto número de viajantes ter sido formado em Leis na mesma instituição, ainda que esse não seja o caso de Alexandre Rodrigues Ferreira. Por sua vez, Ferreira foi acompanhado por, pelo menos, três outros homens. José Joaquim Freire, *riscador*, formado na Aula de Desenho e Lavra de Metais da Fundação do Real Arsenal do Exército, e Joaquim José Codina, também *riscador*, provavelmente possuidor da mesma formação, tendo ocupado lugar na Casa do Risco do Real Museu e Jardim Botânico da Ajuda. Nesta expedição seguiu ainda Agostinho do Cabo, jardineiro botânico, falecido em 1789 durante o decorrer da viagem, em Vila Bela, Mato Grosso, afiliado ao Real Museu e ao Jardim Botânico da Ajuda<sup>281</sup>.

Durante o reinado de D. Maria I foram lançadas outras viagens às restantes colónias, como foi o caso de Moçambique, Angola e Cabo Verde. Todavia, a particularidade que se deve destacar, e que diferencia a viagem filosófica de Alexandre Rodrigues Ferreira ao Brasil das restantes, foi o seu investimento por parte do Estado português, sendo esta expedição aquela que mais custos acarretou<sup>282</sup>. Devemos

---

<sup>278</sup> PATACA, Ermelinda – *Terra, água e ar nas viagens portuguesas (1755-1808)*. [Em linha]. São Paulo: Universidade Estadual de Campinas, 2006. [Consult. 18 setembro 2023]. Tese de Doutoramento. Disponível em WWW: <URL: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/364616>>

<sup>279</sup> SÁ, José António – *Compendio de observações que formão o plano da Viagem Política, e filosofica, que se deve fazer dentro da Patria. Dedicado a sua Alteza Real o sereníssimo príncipe do Brasil. Pelo Doutor José Antonio de Sá. Oppositor as Cadeiras de Leis da Universidade de Coimbra, e Correspondente da Academia das Sciencias de Lisboa*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 1783.

<sup>280</sup> PATACA, Ermelinda – *Terra, água e ar nas viagens portuguesas (1755-1808)*. [Em linha]. São Paulo: Universidade Estadual de Campinas, 2006. [Consult. 18 setembro 2023]. Cap. 1, p. 11. Tese de Doutoramento. Disponível em WWW: <URL: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/364616>>

<sup>281</sup> PATACA, Ermelinda – *Terra, água e ar nas viagens portuguesas (1755-1808)*. [Em linha]. São Paulo: Universidade Estadual de Campinas, 2006. [Consult. 18 setembro 2023]. Tese de Doutoramento. Disponível em WWW: <URL: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/364616>>

<sup>282</sup> SIMON, William Joel - *Scientific expeditions in the portuguese overseas territories (1783-1808) and the role of Lisbon in the intellectual-scientific community of the late eighteenth century*. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical, 1983. (Centro de estudos de cartografia antiga)

acrescentar que, apesar destas expedições científicas variarem consoante o contexto onde se inseriram, há certos aspetos que são transversais, como é o caso da existência de uma fase prévia à viagem, onde se planeava e preparava os materiais necessários à mesma. Seguia-se a expedição e o trabalho de campo propriamente dito e, por fim, os esforços relacionados com uma identificação e organização sistemática das amostras que eram recolhidas nos espaços ultramarinos. No que respeita à viagem que nos ocupa, esta última fase não chegou a ser concluída, apesar desta etapa ter estado nos planos de Alexandre Rodrigues Ferreira<sup>283</sup>.

### 3. Fontes primárias

#### 3.1. Pesquisa e seleção

A pesquisa e seleção de fontes primárias para o estudo das comunidades locais da Amazônia durante esta expedição exigiu uma reflexão sobre as potenciais entidades produtoras de informação. Consequentemente, Alexandre Rodrigues Ferreira e os *riscadores* que o acompanharam são, imediatamente, apontados como responsáveis pela produção deste tipo. Para além disso, foi também necessário conhecer a disseminação das fontes e os locais onde estas se encontram armazenadas nos dias correntes. A partir de um trabalho de capital importância para o estudo da expedição científica ao Brasil<sup>284</sup>, compreendemos que a tipologia de fontes provenientes desta viagem se pode dividir entre fontes documentais escritas e iconográficas sobre as quatro áreas que referimos na introdução do presente trabalho<sup>285</sup>. Ainda, através deste estudo compreendemos que existe uma enorme dispersão destas fontes entre entidades portuguesas e brasileiras. Tendo em conta que o presente artigo utiliza apenas fontes documentais (escritas e iconográficas), a pesquisa pelas mesmas realizou-se de modo *online* em instituições de Portugal e do Brasil.

---

<sup>283</sup> PATACA, Ermelinda – *Terra, água e ar nas viagens portuguesas (1755-1808)*. [Em linha]. São Paulo: Universidade Estadual de Campinas, 2006. [Consult. 18 setembro 2023]. Tese de Doutoramento. Disponível em WWW: <URL: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/364616>>

<sup>284</sup> DOMINGUES, Ângela – No trilho da “viagem filosófica” de Alexandre Rodrigues Ferreira: uma breve história das suas coleções e sua disseminação. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas* [Em linha]. Vol.16, nº3 (2021), p. 1-15. [Consult. 6 novembro 2021]. Disponível na Internet: <URL: <https://www.scielo.br/j/bgoeldi/i/2021.v16n3/>>. ISSN 2178-2547

<sup>285</sup> Reforçamos novamente o facto de que apenas se recorreu à divisão da produção desta viagem nas áreas nomeadas na introdução do presente trabalho por uma questão prática, sendo que algumas delas, nomeadamente a Antropologia, só se vem a desenvolver enquanto tal no século XIX.

A pesquisa em arquivos pautou-se pela consulta dos fundos e coleções do ANTT e do AHU, cujo fundo referente ao Conselho Ultramarino do Brasil se ligou diretamente ao Projeto Resgate<sup>286</sup>. Neste âmbito, encontramos alguns documentos relacionados com a viagem, que remetiam para correspondência entre Ferreira e o secretário dos Negócios da Marinha e Domínios Ultramarino, sendo os restantes documentos memórias dispersas sobre determinadas comunidades. Sabendo que a viagem filosófica ao Brasil é um tema que tem vindo a ser estudado há largas décadas, decidimos pesquisar na BND do Brasil e na BND de Portugal, no sentido de compreender se existiam fontes primárias que conseguissem completar aquelas que já havíamos encontrado. Estas bibliotecas rapidamente se tornaram os locais mais frutíferos para a pesquisa de fontes. Foi aquando da pesquisa na BND de Portugal que se localizaram quatro volumes de fontes publicadas, ou seja, fontes manuscritas que foram posteriormente transcritas, impressas e digitalizadas, sobre a expedição em discussão. Apenas dois deles abrangiam questões relacionadas com as comunidades locais, isto é, o volume sobre as memórias escritas de Antropologia<sup>287</sup>, com documentos da autoria de Alexandre Rodrigues Ferreira, e o volume sobre as memórias iconográficas, também referentes à Antropologia<sup>288</sup>, com ilustrações da responsabilidade de José Joaquim Freire e Joaquim José Codina. Seleccionamos estas duas fontes primárias, que nos permitiram compreender a visão de Alexandre Rodrigues Ferreira e da sua equipa perante as comunidades locais da Amazónia.

Ainda assim, e como mencionado anteriormente na bibliografia que consultamos, sabíamos que Ferreira tinha praticado alguns dos conhecimentos adquiridos na Universidade de Coimbra antes de chefiar esta viagem lançada ao Brasil. Este dado fez-nos refletir sobre o planeamento e as instruções para este tipo de expedição. Portanto, compreender o que estas instruções referiam foi também essencial para perceber que tipo de dados eram importantes a salientar sobre as comunidades e se os mesmos foram corretamente levantados pelo naturalista-chefe e a sua equipa. A pesquisa por estas fontes ocorreu na Academia Real das Ciências de Lisboa, instituição criada por iniciativa régia,

---

<sup>286</sup> Iniciativa da responsabilidade da Biblioteca Digital Luso-Brasileira, cujo acervo integra vários documentos, nomeadamente da Biblioteca Nacional Digital do Brasil.

<sup>287</sup> FERREIRA, Alexandre Rodrigues - *Viagem Filosófica pelas capitânicas do Grão Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá: Memórias antropologia*. [Em linha]. Rio de Janeiro: Conselho Federal da Cultura, 1974. [Consult. 1 dezembro 2021]. Disponível em WWW: <URL: <https://purl.pt/33535/2/>>

<sup>288</sup> FERREIRA, Alexandre Rodrigues - *Viagem Filosófica pelas capitânicas do Grão Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá: Iconografia geografia e antropologia* [Em linha]. Rio de Janeiro: Conselho Federal da Cultura, 1971. [Consult. 1 dezembro 2021]. Disponível em WWW: <URL: <https://purl.pt/33535/2/>>



sendo natural que as suas diretrizes para esta expedição refletissem os objetivos do Estado português, patrocinador da expedição. A pesquisa nesta entidade revelou dois documentos essenciais. O primeiro, com o título *Breves instruções aos correspondentes da Academia das Ciências de Lisboa, sobre as remessas dos productos, e noticias pertencentes à historia da natureza, para formar hum Museo Nacional*<sup>289</sup>, que data de 1781, da autoria da mesma academia e, o segundo, denominado *Viagens Filosóficas ou Dissertação sobre as importantes regras que o filosofo naturalista, nas suas peregrinações deve principalmente observar*, de 1779, que remonta à autoria de Vandelli<sup>290</sup>. Todavia, note-se que o exemplar disponível para consulta *online* é uma cópia pela mão de Frei Vicente Salgado, de 1796. Apesar do primeiro documento não se encontrar digitalizado na página web desta instituição, o mesmo estava disponível para leitura *online* na BND de Portugal.

A pertinência do estudo destas fontes é clara. Compreendendo as diretrizes emanadas pelo Estado português, entendemos se estas foram, ou não, cumpridas na sua totalidade. Por outro lado, as memórias, escritas e iconográficas, produzidas durante esta viagem são capazes de fornecer o olhar destes homens perante as comunidades locais da Amazônia e compreender de que forma estes povos nativos eram interpretados e representados. Mais importante do que analisar estas fontes em separado é tentar cruzar as informações contidas nas mesmas.

## 3.2. Crítica e metodologia

### 3.2.1. Instruções de viagem segundo Domenico Vandelli<sup>291</sup>

As fontes primárias selecionadas possuem algumas características essenciais que são necessárias de ressaltar. No que concerne ao manuscrito da autoria de Vandelli, podemos afirmar que o facto da fonte consultada ser uma cópia pode apresentar entraves, sendo um deles o facto de este poder possuir, ou não, acrescentos ou partes retiradas do

---

<sup>289</sup> ACADEMIA DAS CIENCIAS DE LISBOA - *Breves instruções aos correspondentes da Academia das Ciências de Lisboa, sobre as remessas dos productos, e noticias pertencentes à historia da natureza, para formar hum Museo Nacional*. [Em linha]. Lisboa: na Regia Officina Typographica, 1781. [Consult. 2 dezembro 2021]. Disponível em WWW: <URL: <https://purl.pt/720>>

<sup>290</sup> VANDELLI, Domenico - *Viagens Filosóficas ou Dissertação sobre as importantes regras que o filosofo naturalista, nas suas peregrinações deve principalmente observar*. [Em linha]. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 1779. [Consult. 2 dezembro 2021]. Disponível em WWW: <URL: <https://biblioteca.acad-ciencias.pt/SearchResultDetail.aspx?mf=68366&DDB=>>

<sup>291</sup> VANDELLI, Domenico - *Viagens Filosóficas ou Dissertação sobre as importantes regras que o filosofo naturalista, nas suas peregrinações deve principalmente observar*. [Em linha]. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 1779. [Consult. 2 dezembro 2021]. Disponível em WWW: <URL: <https://biblioteca.acad-ciencias.pt/SearchResultDetail.aspx?mf=68366&DDB=>>

original. Ainda assim, o documento encontra-se dividido em várias partes, onde cada uma se ocupa de um assunto em específico. Devido ao elevado número de páginas, entende-se que Vandelli dava primazia à mineralogia, mas também a questões relacionadas com a agricultura. Apesar de dar pouca atenção às comunidades locais, refere alguns aspetos que os naturalistas devem observar nas suas viagens no que respeita a este domínio. Para a extração desta informação foi criada uma tabela que permitisse retirar e analisar as informações mais importantes, bem como organizar as mesmas. Para o presente artigo encontra-se reproduzida apenas parte da tabela, devido à sua extensão.

Tabela 4 - Instruções de Vandelli sobre as informações a extrair no que concerne às comunidades locais

<b>Título da parte</b>	<b>Método de registo</b>	<b>Instrumentos a utilizar</b>	<b>Aspetos a observar</b>	<b>Método para remeter para Portugal</b>
<i>Do conhecimento físico, e moral dos povos</i>	Livro de papel dividido entre anos, meses, dias e horas	Lápis; diário	Limites naturais (praias, rios, lagos, montes); número de habitantes; agricultura; comércio; letras; armas; géneros; arquitetura; costumes; modos de fazer núpcias; festas; jogos; funerais; fisionomia e figura; vestuário; alimentação; monografia e poligamia	Não se aplica

Fonte: Elaboração própria, 2022

### 3.2.2. Instruções de viagem segundo a Academia Real das Ciências de Lisboa<sup>292</sup>

No que respeita às instruções emanadas pela Academia Real das Ciências de Lisboa, apesar da mesma não dar extensa atenção às comunidades locais, a verdade é que existe uma parte nesta fonte impressa que nos permite identificar alguns dados essenciais a extrair sobre os povos nativos.

**Tabela 2 - Instruções da Academia Real das Ciências de Lisboa sobre as principais circunstâncias a observar e a remeter para Portugal no que concerne às comunidades locais**

<b>Título da parte</b>	<b>Aspetos a observar</b>	<b>Aspetos a registar</b>	<b>Método para remeter para Portugal</b>
<i>Das notícias pertencentes à História Natural</i>	Objetos notáveis e curiosos	Referir as suas qualidades	Remeter uma descrição destes objetos, bem como o seu nome indígena e estrangeiro
<i>Das notícias pertencentes à História Natural</i>	Obras do artifício dos povos indígenas	Referir os seus nomes e os seus usos	Remeter uma descrição destes objetos e numerar os mesmos

Fonte: Elaboração própria, 2022

### 3.2.3. As memórias escritas e iconográficas sobre a Antropologia

No que respeita às memórias escritas e iconográficas sobre a Antropologia<sup>293</sup>, existe uma série de considerações a serem tecidas no presente artigo. Em primeiro lugar, estas fontes são aquelas que conseguem demonstrar a perceção dos povos nativos segundo a equipa responsável pela viagem filosófica ao Brasil. Todavia, durante o percurso de investigação foi complexo reconstituir as localizações originais dos documentos em

<sup>292</sup> ACADEMIA DAS SCIENCIAS DE LISBOA - *Breves instruções aos correspondentes da Academia das Sciencias de Lisboa, sobre as remessas dos productos, e noticias pertencentes à historia da natureza, para formar hum Museo Nacional*. [Em linha]. Lisboa: na Regia Officina Typographica, 1781. [Consult. 2 dezembro 2021]. Disponível em WWW: <URL: <https://purl.pt/720>>

<sup>293</sup> Reforçamos o que já foi referido na introdução sobre a utilização deste termo. A Antropologia apenas se desenvolveu enquanto tal durante o século XIX, sendo que a utilização deste termo advém apenas de uma questão prática para encaixar a produção, executada durante a viagem filosófica chefiada por Alexandre Rodrigues Ferreira, em algumas áreas dominantes.

questão. Note-se que estas memórias, tanto as escritas como as iconográficas, são a compilação dos documentos originais, o que significa que existiu uma reorganização destes documentos em volumes, uma iniciativa do Conselho Federal da Cultura do Rio de Janeiro durante os anos 70 do século XX.

No que concerne às memórias escritas, os documentos coligidos no volume mencionado balizam-se entre 1783 e 1792, sendo estes da autoria de Alexandre Rodrigues Ferreira, resultado da observação e descrição das comunidades locais. Como é uma obra detentora de letra impressa, percebemos que o que se encontra digitalizado não são os documentos originais, mas os transcritos pela entidade responsável por esta reorganização da informação. Por sua vez, a organização deste volume inicia-se através de um prefácio, seguido de uma introdução, depois um índice e, por fim, as memórias sobre as comunidades locais. Na introdução deste volume, adverte-se o leitor para a alteração de algumas construções frásicas e para a atualização da ortografia dos documentos, ação executada durante a compilação da documentação neste volume, acautelando-se ainda que o significado original das frases não sofreu alterações. No entanto, reparamos que os documentos inseridos neste volume possuem, no final, um códice, que não tem uma organização aparente ou explícita nesta obra. Portanto, percebemos que estas alterações representam limites ao trabalho do historiador. Apesar de, como referem os responsáveis pelo volume mencionado, as alterações não terem sido de maior expressão, a verdade é que todos os investigadores possuem uma certa subjetividade quando interpretam fontes primárias, o que limita o trabalho dos restantes historiadores que, consoante este cenário, fazem uma (re)interpretação de documentos que já se encontram interpretados por outros investigadores.

No que respeita ao volume relativo às várias iconografias realizadas por José Joaquim Freire e Joaquim José Codina, este divide-se em algumas partes, como o prefácio, a divisão referente à Geografia e ainda outra que abrange a Antropologia. O problema que este volume representa prende-se com o facto de as iconografias presentes não possuírem um autor atribuído, o que dificulta o entendimento da produção de cada um dos *riscadores*.

Consequentemente, a metodologia a aplicar a estas fontes revelou-se um desafio. As informações qualitativas que encontramos contidas nos relatos destas comunidades são díspares entre si. Assim, o repto foi tentar estabelecer campos de análise, tanto para as memórias escritas como para as iconográficas, que conseguissem uniformizar estas informações e cruzar os dados entre os dois volumes. Desta forma, para as memórias

escritas foi estabelecida a grelha de análise passível de ser observada a partir da tabela seguinte, que se encontra dividida em algumas partes, uma vez que a extensão da mesma não permite que esta seja colocada na íntegra no presente artigo.

**Tabela 3 – Extração de alguns exemplos de documentos presentes na compilação das memórias escritas sobre a Antropologia, através da criação de campos de análise estabelecidos para o tratamento das informações contidas neste volume**

<b>ID</b>	<b>Título</b>	<b>Autor</b>	<b>Ano</b>	<b>Mês</b>	<b>Dia</b>	<b>Loc. macro</b>	<b>Capitania</b>	<b>Loc. micro</b>	<b>Comunidade</b>
1	<i>Sobre os gentios que habitaram e habitam no Guaporé</i>	Alexandre Rodrigues Ferreira	_____	_____	_____	Brasil	_____	_____	Povo que habita no rio Guaporé

<b>Limites naturais</b>	<b>Práticas mencionadas</b>	<b>Fisionomia</b>	<b>Características enquanto comunidade</b>	<b>Correspondência ID iconografia</b>
Rio Guaporé	_____	Robustos; de estatura média	Comunidade belicosa	_____

Fonte: Elaboração própria, 2022

<b>ID</b>	<b>Título</b>	<b>Autor</b>	<b>Ano</b>	<b>Mês</b>	<b>Dia</b>	<b>Loc. macro</b>
2	<i>Sobre os gentios Uerequena que habitam os rios Içana e Xié, afluentes do Rio Negro</i>	Alexandre Rodrigues Ferreira	1787	Agosto	29	Brasil

<b>Capitania</b>	<b>Loc. micro</b>	<b>Comunidade</b>
Rio Negro	Barcelos	Uerequena

<b>Limites naturais</b>	<b>Práticas mencionadas</b>	<b>Fisionomia</b>	<b>Características enquanto comunidade</b>	<b>Correspondência ID iconografia</b>
<i>Rios Içana e Ixié, que desaguam na margem austral da parte superior do Rio Negro</i>	—	Largo furo entre a cartilagem e a extremidade inferior de ambas as orelhas, introduzindo pequenas partes de paus ou flechas; pendentes nos narizes, lábios e orelhas, tendo desenhos na pele	Comunidade audaz, forte, belicosa e antropófaga; antecipam a morte para aqueles que se encontram a sofrer; usam tangas e adornos nos braços, pernas e cabelos, tendo também pendentes nos narizes, lábios e orelhas; as suas armas são os dardos e os <i>cuidaru</i>	5

Fonte: Elaboração própria, 2022

<b>ID</b>	<b>Título</b>	<b>Autor</b>	<b>Ano</b>	<b>Mês</b>	<b>Dia</b>	<b>Loc. macro</b>	<b>Capitania</b>	<b>Loc. micro</b>	<b>Comunidade</b>
3	<i>Sobre as mascaradas e camisetas que fazem os gentios yurupixunas</i>	Alexandre Rodrigues Ferreira	1787	Agosto	31	Brasil	Rio Negro	Barcelos	Yurupixuna

<b>Limites naturais</b>	<b>Práticas mencionadas</b>	<b>Fisionomia</b>	<b>Características enquanto comunidade</b>	<b>Correspondência ID iconografia</b>
_____	Bailes e festividades desta comunidade. O autor explica a execução das máscaras, bem como as motivações para a execução dos bailes, nomeadamente as caçadas e as pescarias	_____	Gosto pela dança, sendo esta interpretada como um assunto sério e não como um divertimento, envolvendo-se em questões de guerra, paz ou consulta do oráculo, sendo que as mulheres não são admitidas a dançar; a doença é atribuída ao sobrenatural. Por vezes, as festas duravam vários dias sem interrupções	6, 8, 10, 11

Fonte: Elaboração própria, 2022

Os exemplos anteriores ilustram de forma sólida a disparidade nas descrições encontradas nestas memórias. Ainda assim, os campos de análise que foram estabelecidos representam uma tentativa de analisar e de tratar a informação dispersa nas fontes primárias.

No que toca às memórias iconográficas, foi criada outra tabela com campos de análise que permitissem a extração da informação visual que as iconografias nos permitiram retirar. A tabela seguinte ilustra parte da grelha de análise criada para este volume. Devido à extensão desta tabela, esta não é passível de ser colocada no presente artigo na sua totalidade.

**Tabela 4 – Extração de alguns exemplos de documentos presentes na compilação das memórias iconográficas sobre a Antropologia, através da criação de campos de análise estabelecidos para o tratamento das informações contidas neste volume**

<b>ID</b>	<b>Título</b>	<b>Riscador</b>	<b>Ano</b>	<b>Mês</b>	<b>Dia</b>	<b>Sexo</b>	<b>Expressão facial</b>	<b>Vestuário</b>
5	<i>Índio Uerequena</i>	Sem atribuição	_____	_____	_____	Masculino	Serena	Utiliza apenas uma espécie de saia e duas tiras nos braços, bem como duas nas pernas

<b>Cabelo</b>	<b>Adornos</b>	<b>Desenhos na face</b>	<b>Instrumentos</b>	<b>Correspondência ID iconografia</b>
Curto	Adorno na cabeça colorido com duas tiras nos braços e nas pernas	Nenhuns	Flecha	2

Fonte: Elaboração própria, 2022

<b>ID</b>	<b>Título</b>	<b>Riscador</b>	<b>Ano</b>	<b>Mês</b>	<b>Dia</b>	<b>Sexo</b>	<b>Expressão facial</b>	<b>Vestuário</b>
6	<i>Índio Jurupixuna</i>	Sem atribuição	_____	_____	_____	Masculino	Serena	A imagem representa a personagem apenas do tronco para cima, onde este não se encontra vestido



<b>Cabelo</b>	<b>Adornos</b>	<b>Desenhos na face</b>	<b>Instrumentos</b>	<b>Correspondência ID iconografia</b>
Curto	Nenhum	Desenho elaborado na face - um quadrado que abrange o queixo, boca, nariz; as partes laterais da face, bem como uma pequena porção da testa possuem pintas	Flecha	3

Fonte: Elaboração própria, 2022

## **4. Cruzamento de fontes**

### **4.1. As instruções e as memórias**

A secção anterior pretendeu dar um exemplo de possível análise das fontes seleccionadas. Ainda assim, a extração de informação que respondesse às questões de partida enunciadas na introdução do presente capítulo não se afigurou uma tarefa fácil. Não obstante, a tentativa de homogeneização e de organização da informação recorrendo a instrumentos para esse efeito, como as tabelas apresentadas anteriormente, permitiu a extração de alguns dados essenciais sobre as comunidades locais da Amazónia. Podemos, assim, afirmar que Alexandre Rodrigues Ferreira, autor das memórias escritas, observou e descreveu algumas das comunidades do Brasil do século XVIII, a saber: Curutus; Cambeba; Mura; Urequena; Yurupixuna/Juripixuna; Cataiuxi; Miranha; Mahuas/Máuas; Caripuna; Guaikuru/Guaicuru.

Cruzando a análise destas memórias escritas e iconográficas com as informações contidas nas instruções que datam de 1779 e 1781, concluímos que, no que respeita às

memórias escritas, Alexandre Rodrigues Ferreira tenta localizar no tempo e no espaço, na maior parte das vezes, as comunidades que descreve. Esta localização é feita a partir da explicação dos limites naturais, nomeadamente dos rios, que ladeavam a zona onde estas habitam, referindo também, na maior parte dos documentos da sua autoria, o ano, o mês e o dia. Para além disso, menciona ainda a capitania onde estes povos se enquadravam e refere a sua localização micro. No que respeita às restantes informações, que segundo as instruções o naturalista devia observar, Alexandre Rodrigues Ferreira destacou, em algumas das memórias, o estado da agricultura e do comércio destas populações, bem como as suas casas, a arquitetura das mesmas, o vestuário e, ainda, a fisionomia e algumas características físicas destas comunidades. Ainda assim, são apenas breves as menções às práticas funerárias das mesmas. Para além disso, não refere o número exato de habitantes de uma determinada comunidade, mas por outro lado menciona as armas utilizadas por estes povos.

No que toca às memórias iconográficas, algumas das ilustrações presentes no volume de fontes publicadas encontram-se a cores e outras a preto e branco. Uma análise superficial permite compreender que as características físicas e fisionómicas das personagens são os aspetos mais salientados pelos *riscadores* encarregues destes desenhos. Ainda assim, depois do estabelecimento de campos de análise próprios para o estudo deste volume, conseguimos compreender que as informações visuais presentes nas iconografias são mais uniformes do que aquelas que as memórias escritas nos apresentam. A necessidade da realização de desenhos revela também a importância de um reconhecimento visual destas comunidades. Aspetos como o vestuário, os adornos, as armas ou mesmo os desenhos presentes nas faces destes povos são características facilmente extraídas a partir de uma observação mais profunda destas ilustrações. A sua relação com as memórias escritas é óbvia, mas ainda assim existem iconografias que não possuem legenda e, por isso, não conseguimos atribuir a comunidade à qual a personagem retratada pertence. Apesar de não existir correspondência com algumas descrições, as iconografias são uma fonte primordial aquando do estudo das comunidades locais da Amazônia, ajudando a compreender alguns aspetos que são referidos nos relatos escritos produzidos por Alexandre Rodrigues Ferreira.

## 4.2. Dados a destacar sobre as comunidades locais

### 4.2.1. Fisionomia, armas, adornos faciais e corporais

A partir do cruzamento das fontes primárias utilizadas para a elaboração do presente estudo, podemos destacar alguns dados que contribuem para o conhecimento destas comunidades durante o século XVIII. Em primeiro lugar, conseguimos entender que os adornos faciais são características presentes nestes povos, mas que variam de comunidade para comunidade e, em alguns casos, este tipo de procedimento servia para assustar aqueles que eram considerados inimigos. Tomemos como exemplo o documento escrito que nos relata a comunidade Uerequena, cujos dados extraídos se encontram explícitos na tabela 1. No dizer de Alexandre Rodrigues Ferreira:

“o principal fim a que se dirigem estes diferentes meios e caprichos de ornarem as suas pessoas e de alterarem as formas naturais dos seus corpos [...] para lhes darem um ar imposto, que com a sua presença e deformidade aterre ao inimigo”<sup>294</sup>.

Para além desta característica, os adornos que serviam para dar outra forma ao corpo eram também utilizados por algumas destas comunidades, como é o caso dos Máua e dos seus espartilhos<sup>295</sup>. Sobre determinados objetos significantes para as comunidades da Amazônia, como é o caso da comunidade Yurupixuna e das suas máscaras, Alexandre Rodrigues Ferreira explicita a sua execução, mas não aprofunda o significado que estas tinham para estes povos de uma forma detalhada. Ainda assim, destaca a dança como elemento essencial destas comunidades, sendo utilizada como um instrumento político e de ligação entre as mesmas. Diz-nos Ferreira que estes povos nativos “têm danças diversas e convenientes a cada uma destas situações, próprias para significarem os diferentes sentimentos de que estão penetrados”<sup>296</sup>.

Ainda assim, é de notar que não existem iconografias relativas às máscaras executadas por estas personagens, apesar de existirem dos seus adornos faciais<sup>297</sup>. Por outro lado, a única representação visual que existe destes objetos pertence à comunidade Tucuna, que curiosamente não possui uma descrição por parte de Alexandre Rodrigues

---

<sup>294</sup> Consultar as páginas 71-72 do seguinte volume - FERREIRA, Alexandre Rodrigues – *Viagem Filosófica pelas capitânicas do Grão Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá: Memórias antropologia*. [Em linha]. Rio de Janeiro: Conselho Federal da Cultura, 1974. [Consult. 1 dezembro 2021]. Disponível em WWW: <URL: <https://purl.pt/33535/2/>>

<sup>295</sup> Consultar a imagem 1 nos anexos.

<sup>296</sup> Consultar a página 45 do seguinte volume - FERREIRA, Alexandre Rodrigues - *Viagem Filosófica pelas capitânicas do Grão Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá: Memórias antropologia*. [Em linha]. Rio de Janeiro: Conselho Federal da Cultura, 1974. [Consult. 1 dezembro 2021]. Disponível em WWW: <URL: <https://purl.pt/33535/2/>>

<sup>297</sup> Consultar imagem 2 nos anexos.

Ferreira<sup>298</sup>. Ainda, a comunidade Miranha parece também utilizar adornos faciais específicos quando se encontra em guerra, como afirma Alexandre Rodrigues Ferreira quando relata que esta comunidade utiliza penas de arara para colocar nos furos que fazem na face<sup>299</sup>. No que respeita às armas, as suas representações são frequentes nas ilustrações das personagens pertencentes às comunidades locais, mas existem também desenhos específicos sobre as mesmas, assim como iconografias particulares sobre outros elementos que estas comunidades utilizavam.

Como se compreendeu pelos exemplos anteriores, as memórias escritas e as iconográficas são, em certa medida, compatíveis. Através destas o investigador é capaz de retirar informações sobre as características fisionómicas e os principais adornos destas comunidades. No entanto, esta realidade não se verifica em todas as memórias. Há algumas fontes escritas que não possuem uma correspondência iconográfica e vice-versa. Por exemplo, as memórias sobre as comunidades Caripuna e Cataiuxi não possuem uma representação iconográfica. É também o caso da iconografia que representa um nativo Uapés, mas também de outras que representam outras personagens, como um nativo com um batoque labial e um nativo com uma narigueira cujas comunidades não se encontram identificadas.

### **4.3. Materiais produzidos pelas comunidades**

Para além das memórias escritas aludirem às características fisionómicas e aos adornos usados pelos povos nativos, somos também capazes de salientar algumas práticas destas comunidades. Entre as experiências mais referidas enquanto comunidade, destaca-se a execução de louça, de cuias e de salvas de palhinha, nomeadamente quando o naturalista descreve as louças feitas pelas nativas de Barcelos, evidenciando os materiais utilizados e as etapas percorridas até à obtenção do produto final. Pormenorizada é, ainda, a descrição que Ferreira faz sobre as cuias executadas pelas mulheres destas comunidades, descrevendo passo a passo a execução destes materiais. Ainda sobre este tópico, Alexandre descreve a execução de salvas de palhinha. Este documento é particularmente interessante, no sentido em que evidencia algumas relações comerciais que eram, algumas vezes, estabelecidas entre as comunidades locais e os colonos portugueses. O relato ilustra o seguinte:

---

<sup>298</sup> Consultar imagem 3 nos anexos.

<sup>299</sup> Consultar imagem 4 nos anexos.

“Um pacará ordinário, não custa menos de 1.600, comprado às índias nas Povoações. Na Cidade sobe o seu preço de 3 até 4.000 réis. Um tabuleiro vale 1.200 na Povoação e chega a 2.000 réis na Cidade. Pelo preço de 160 se compra cada chapéu que na Cidade custa 400 réis. Mas esta indústria não é tão proveitosa às índias, como parece [...] A título de empregarem as índias em algum trabalho lucrativo para elas e evitarem a ociosidade, distribuem por elas, e principalmente pelas mestras, diversas encomendas de pacarás, tabuleiros, chapéus, etc., não para as pagarem à razão dos 1.600 e 1.200, que valem, e cujo valor hão de dobrar na Cidade, mas para lhes pagarem por dia à razão de 40 réis”<sup>300</sup>.

## Considerações finais

Através das fontes primárias analisadas somos capazes de compreender que Alexandre Rodrigues Ferreira e a sua equipa registaram alguns dados relevantes sobre as comunidades locais. Percebemos também que as características salientadas dos povos nativos se ligam intrinsecamente com a economia, o que demonstra uma das motivações elencadas anteriormente no presente artigo. Ainda assim, não se pode afirmar que Ferreira e os seus homens não tinham tido um olhar próprio de naturalistas. Se, por um lado, é visível que a execução de materiais para a comercialização era importante, também é de notar as práticas de dança, o vestuário e os adornos que são descritos e representados através da iconografia.

Não obstante, pelo carácter científico desta expedição, era expectável que as memórias escritas fossem mais aprofundadas em determinados aspetos. Alexandre Rodrigues Ferreira descreve algumas práticas e atividades das comunidades, mas não atribui, nem explicita, o significado que estas ações tinham para o quotidiano dos povos nativos. Ainda assim, através do cruzamento destas fontes com as instruções de viagem, é compreensível que Ferreira e a sua equipa não tivessem a possibilidade de fazer descrições extensas para as comunidades. Primeiro, talvez porque o conhecimento das mesmas não fosse a prioridade desta viagem e, depois, porque estes tinham de obedecer a regras estabelecidas pelo Estado português.

Nove anos a percorrer as capitánias do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá, maioritariamente através da via fluvial, não foi tarefa fácil. Ainda assim, de modo nenhum se pode relativizar o papel importante que a equipa, chefiada por Alexandre Rodrigues Ferreira, teve no conhecimento do território brasileiro. É verdade que a ocupação portuguesa neste local datava de há largas centúrias, mas a exploração efetiva

---

<sup>300</sup> Consultar as páginas 47-48 do seguinte volume - FERREIRA, Alexandre Rodrigues – *Viagem Filosófica pelas capitánias do Grão Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá: Memórias antropologia*. [Em linha]. Rio de Janeiro: Conselho Federal da Cultura, 1974. [Consult. 1 dezembro 2021]. Disponível em WWW: <URL: <https://purl.pt/33535/2/>>

do espaço ultramarino começou apenas a ser executada no século XVIII. Conhecer era essencial para saber quais os recursos que podiam ser usados a favor da metrópole, em que condições se encontrava a economia na colónia sul-americana, de que forma esta se podia adaptar e, sobretudo, de que maneira a presença de Portugal se poderia tornar ainda mais demarcada. Conhecer era, em certa medida, um passo largo para dominar efetivamente o território. Ainda assim, note-se que a vontade do naturalista que chefiou esta expedição era, quando regressasse a Lisboa, estudar os diários, as memórias e as amostras que a sua equipa tinha recolhido. No entanto, a ocupação de outros cargos profissionais não lhe permitiu executar esta atividade.

A falta de desenvolvimento e de explicação das práticas e atividades das comunidades da Amazónia, por parte de Alexandre Rodrigues Ferreira e da sua equipa, leva-nos a reconhecer um limite às fontes utilizadas, mas também a acreditar que o conhecimento dos povos nativos não se pode efetuar apenas através da análise desta viagem ao Brasil. Para além de ser evidente a necessidade de um alargamento da panóplia de fontes primárias utilizadas, cremos que o estudo que efetuamos pode alcançar uma maior profundidade se futuramente expandirmos também a bibliografia consultada e se executarmos uma conceptualização mais atenta dos conceitos e dos termos que viemos a discutir neste artigo. Não quer isto significar que a análise não tenha sido suficientemente aprofundada para o tempo que tivemos para desenvolver o presente trabalho. Pelo contrário, reconhecemos potencial na análise que fizemos. Por isso, o presente artigo representa também algumas hipóteses de análise sobre as comunidades locais da Amazónia, não devendo ser encarado como finito. Estas conclusões preliminares devem ser encaradas como um desafio para uma investigação mais aprofundada sobre o objeto de estudo em questão. Acreditamos que a partir de um leque mais vasto de bibliografia e de fontes primárias, assim como de um possível alargamento da cronologia e, eventualmente, do espaço, conseguiremos colmatar as lacunas mencionadas, nomeadamente no que respeita às explicações e aos significados que as comunidades locais atribuíam a determinadas práticas e atividades, aspetos que foram descritos, mas pouco desenvolvidos, por Alexandre Rodrigues Ferreira e a sua equipa durante a viagem filosófica ao Brasil entre 1783 e 1792.

## Fontes primárias

### Fontes impressas

ACADEMIA DAS SCIENCIAS DE LISBOA - *Breves instrucções aos correspondentes da Academia das Sciencias de Lisboa, sobre as remessas dos productos, e noticias pertencentes à historia da natureza, para formar hum Museo Nacional*. [Em linha]. Lisboa: na Regia Officina Typographica, 1781. [Consult. 2 dezembro 2021]. Disponível em WWW: <URL: <https://purl.pt/720>>

SÁ, José António – *Compendio de observações que formão o plano da Viagem Política, e filosofica, que se deve fazer dentro da Patria. Dedicado a sua Alteza Real o sereníssimo príncipe do Brasil. Pelo Doutor José Antonio de Sá. Oppositor as Cadeiras de Leis da Universidade de Coimbra, e Correspondente da Academia das Sciencias de Lisboa*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 1783

### Fontes publicadas

FERREIRA, Alexandre Rodrigues - *Viagem Filosófica pelas capitánias do Grão Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá: Iconografia geografia e antropologia* [Em linha]. Rio de Janeiro: Conselho Federal da Cultura, 1971. [Consult. 1 dezembro 2021]. Disponível em WWW: <URL: <https://purl.pt/33535/2/>>

FERREIRA, Alexandre Rodrigues - *Viagem Filosófica pelas capitánias do Grão Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá: Memórias antropologia*. [Em linha]. Rio de Janeiro: Conselho Federal da Cultura, 1974. [Consult. 1 dezembro 2021]. Disponível em WWW: <URL: <https://purl.pt/33535/2/>>

### Fontes manuscritas

VANDELLI, Domenico - *Viagens Filosóficas ou Dissertação sobre as importantes regras que o filosofo naturalista, nas suas peregrinações deve principalmente observar*. [Em linha]. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 1779. [Consult. 2 dezembro 2021]. Disponível em WWW: <URL: <https://biblioteca.acad-ciencias.pt/SearchResultDetail.aspx?mfn=68366&DDB=>>>

## Bibliografia

- ARAÚJO, Ana Cristina – *A Cultura das Luzes em Portugal: temas e problemas*. Lisboa: Livros Horizonte, 2003. (Temas de História de Portugal). ISBN 972-24-1233-8
- BAUMER, Franklin L. - *O pensamento europeu moderno*. Lisboa: Edições 70, 1990. Vol. 1. s/ISBN
- BRAGA, Isabel Drumond – Luzes, natureza e pragmatismo em Portugal: o contributo da Real Academia das Ciências no século XVIII. *Revista Tempo* [Em linha]. Vol. 22, nº41 (2016), p. 551-565. [Consult. 2 novembro 2021]. Disponível na Internet: <URL: <https://www.scielo.br/j/tem/i/2016.v22n41/>>. ISSN 1980-542X
- CARDOSO, José Luís - From natural history to political economy: the enlightened mission of Domenico Vandelli in late eighteenth-century Portugal. *Studies In History and Philosophy of Science* [Em linha]. Vol.34, nº4 (2003), p. 781-803. [Consult. 2 novembro 2021]. Disponível na Internet: <URL: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0039368103000645>>. ISSN 0039-3681
- CARNEIRO, Ana; SIMÕES, Ana – Enlightenment Science In Portugal: The Estrangeirados and their Communication NetWorks. *Social Studies of Science – SAGE Journals* [Em linha]. Vol.30, nº4 (2000), p. 591-619. [Consult. 4 novembro 2021]. Disponível na Internet: <URL:<https://journals.sagepub.com/action/doSearch?filterOption=thisJournal&SeriesKey=sss&AllField=Enlightenment+Science+in+Portugal>>. ISSN 1460-3659
- CARVALHO, Rómulo de - *A História Natural em Portugal no século XVIII*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1987. (Biblioteca breve)
- CONCEIÇÃO, Gisele C. - *Natureza Ilustrada: Processos de construção e circulação de conhecimento filosófico-natural sobre o Brasil na segunda metade do século XVIII*. [Em linha]. Porto: CITCEM - Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória, 2019. [Consult. 6 novembro 2021]. Cap. 1 - Filosofia Natural. Disponível em WWW: <URL: <https://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id024id1727&sum=sim>>. ISBN 978-989-8970-21-3
- CONRAD, Sebastian - Enlightenment in Global History: A Historiographical Critique. *The American Historical Review* [Em linha]. Vol. 117, nº 4 (2012), p. 999-1027.



- [Consult. 2 setembro 2023]. Disponível na Internet: <URL: <https://academic.oup.com/ahr/article/117/4/999/33183>> ISSN 1937-5239
- CUNHA, Osvaldo Rodrigues da – *O naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira: uma análise comparativa de sua Viagem Filosófica (1783-1793) pela Amazônia e Mato Grosso com a de outros naturalistas posteriores*. [Em linha]. Belém-Pará: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1991. [Consult. 4 novembro 2021]. Disponível na Internet: <URL:<https://repositorio.museu-goeldi.br/handle/mgoeldi/486>>. ISBN 85-7098-023-X
- FILHO, Virgílio Corrêa – *Alexandre Rodrigues Ferreira: vida e obra do grande naturalista brasileiro*. [Em linha]. Rio de Janeiro: Companhia Editoria Nacional, 1939. [Consult. 5 de novembro 2021] Disponível na Internet: <URL: <http://bndigital.bn.gov.br/acervodigital>>
- GARCÍA, Margarita Eva Rodríguez – Lejos del gabinete: viajes científicos a la América portuguesa y española (1777-1792) y representación de la naturaleza. *Memorias – revista digital de Historia y Arqueología desde el caribe colombiano* [Em linha]. N°25 (2015), p. 144-177. [Consult. 8 novembro 2021]. Disponível na Internet: <URL: <https://www.redalyc.org/toc.oa?id=855&numero=36228>>. ISSN 1794-8886
- GARCÍA, Margarita Eva Rodríguez; COSTA, Ana Maria – Relaciones ocultas a fines del siglo XVIII: la specimen florae americanae meridionalis (1780) del Real Jardim Botânico da Ajuda y los diseños científicos de la Real Expedición Botánica al virreinato peruano. *Revista de Historia de la Medicina y de la Ciencia* [Em linha]. Vol. 68, n°1 (2016) [Consult. 8 novembro 2021]. Disponível na Internet: <URL: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5807382>>. ISSN L:0210-4466
- HORCH, Rosemarie Erika – Alexandre Rodrigues Ferreira, um cientista brasileiro do século XVIII. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros* [Em linha]. N°30 (1989), p. 149-159 [Consult. 8 novembro 2021]. Disponível na Internet: <URL:<https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/70489>>. ISSN 2316-901X
- DOMINGUES, Ângela – No trilho da “viagem filosófica” de Alexandre Rodrigues Ferreira: uma breve história das suas coleções e sua disseminação. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas* [Em linha]. Vol.16, n°3 (2021), p. 1-15. [Consult. 6 novembro 2021]. Disponível na Internet: <URL: <https://www.scielo.br/j/bgoeldi/i/2021.v16n3/>>. ISSN 2178-2547

- DOMINGUES, Ângela – Para um melhor conhecimento dos domínios coloniais: a constituição de redes de informação no Império Português em finais do Setecentos. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos* [Em linha]. Vol. 8, suplemento (2001), p. 823-838. [Consult. 6 novembro 2021]. Disponível na Internet: <URL: <https://www.scielo.br/j/hcsm/i/2001.v8suppl0/>>.ISSN 1678-4758
- DOMINGUES, Ângela – *Viagens e exploração geográfica na Amazónia em finais do século XVIII: política, ciência e aventura*. Lisboa: Instituto de História de Além Mar, 1991. (Analecta transmarina.). ISBN 972-648-052-3
- KURY, Lorelai – Homens de ciência no Brasil: impérios coloniais e circulação de informações (1780-1810). *História, Ciências, Saúde – Manguinhos* [Em linha]. Vol. 11, suplemento 1 (2004), p. 109-129. [Consult. 9 novembro 2021]. Disponível na Internet: <URL: <https://www.scielo.br/j/hcsm/i/2004.v11suppl1/>>. ISSN 1806-9592
- LEITE, José Nailton; LEITE, Cecília Sayonara G. – Alexandre Rodrigues Ferreira e a formação do pensamento social na Amazônia. *Estudos Avançados* [Em linha]. Vol. 25, nº68 (2010), p. 273-289. [Consult. 9 novembro 2021]. Disponível na Internet: <URL: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10478>>. ISSN 1806-9592
- MATOS, Manuel Cadafaz de - *No segundo centenário da Viagem Filosófica, de Alexandre Rodrigues Ferreira, por terras do Brasil*. Lisboa: Academia da Marinha, 1993
- MORAES, Eulália Maria Aparecida de; SANTOS, Christian Fausto Moraes dos; CAMPOS, Rafael Dias da Silva – Filosofia Natural Lusa: A Viagem Philosophica e a Política Iluminista na América Portuguesa Setecentista. *Confluenze – Rivista di Studi Iberoamericani* [Em linha]. Vol. 4, nº1 (2011), p. 75-91. [Consult. 9 novembro 2021]. Disponível na Internet: <URL: <https://confluenze.unibo.it/article/view/3083>>. ISSN 2036-0967
- O'BRIEN, Karen – *Narratives of Enlightenment. Cosmopolitan History from Voltaire to Gibbon*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997. ISBN 9780511519079
- PADGEN, Anthony – *The Enlightenment and Why It Still Matters*. Oxford: Oxford University Press, 2013. ISBN 9780199660933
- PATACA, Ermelinda Moutinho; PINHEIRO, Rachel - Instruções de viagem para a investigação científica do território brasileiro. *Sociedade Brasileira de História*

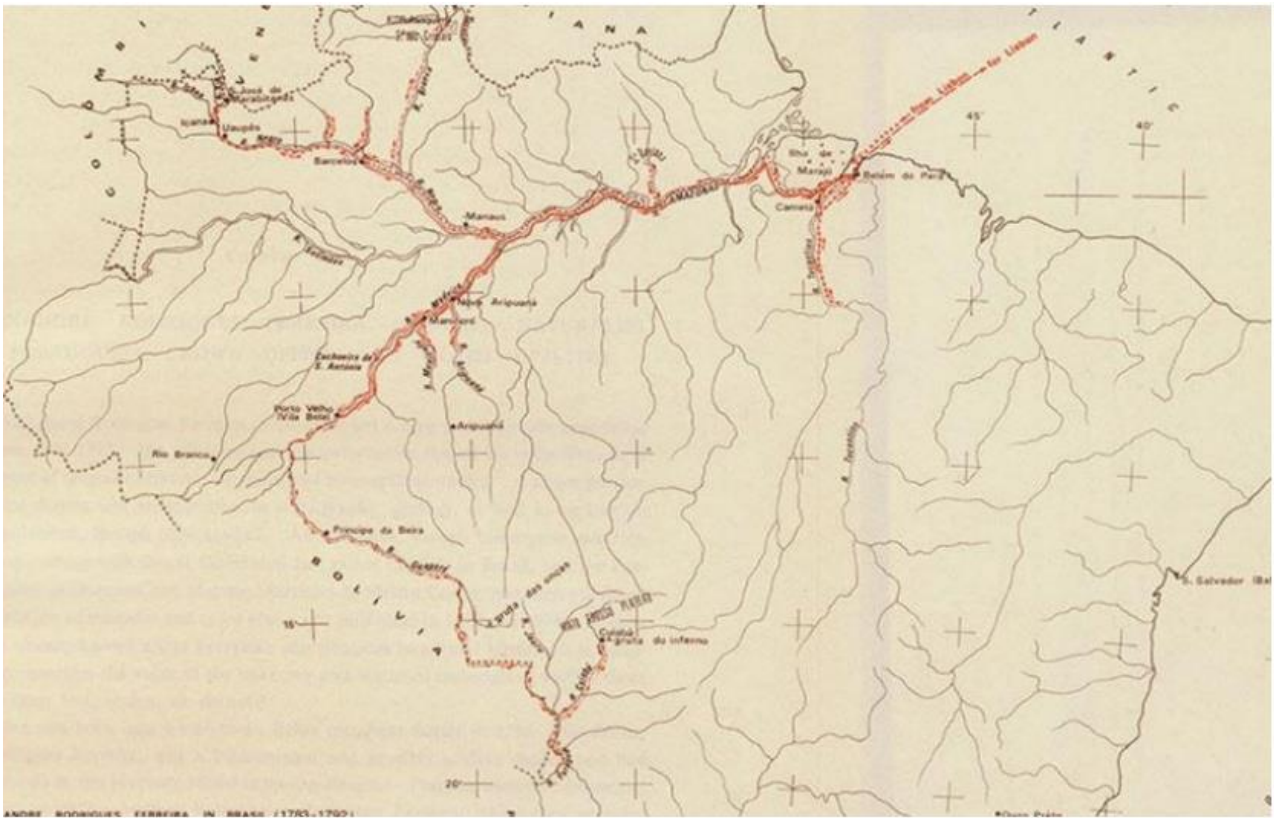
- da Ciência* [Em linha]. Vol. 3, nº3 (2005), p. 58-79. [Consult. 1 março de 2022]. Disponível na Internet: <URL: [https://www.sbh.org.br/arquivo/download?ID\\_ARQUIVO=126](https://www.sbh.org.br/arquivo/download?ID_ARQUIVO=126)> ISSN 2176-3275
- PATACA, Ermelinda – *Terra, água e ar nas viagens portuguesas (1755-1808)*. [Em linha]. São Paulo: Universidade Estadual de Campinas, 2006. [Consult. 18 setembro 2023]. Tese de Doutorado. Disponível em WWW: <URL: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/364616>>
- POMBO, Nívia - A cidade, a universidade e o Império: Coimbra e a formação das elites dirigentes (séculos XVII-XVIII). *Intellèctus*. [Em linha]. Vol. 4, nº2 (2015). [Consult. 9 setembro 2023]. Disponível na Internet: <URL: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/intellectus/article/view/20978>>. ISSN 1676-7640
- PORTER, Roy - *The Creation of the Modern World: The Untold Story of the British Enlightenment*. New York: W.W. Norton, 2000.
- RAMINELLI, Ronald – Ciência e colonização – Viagem filosófica de Alexandre Rodrigues Ferreira. *Tempo* [Em linha] Nº 6 (1997). [Consult. 6 de janeiro de 2022]. Disponível na Internet: <URL: [https://www.historia.uff.br/tempo/artigos\\_livres/artg6-10.pdf](https://www.historia.uff.br/tempo/artigos_livres/artg6-10.pdf)>. ISSN 1980-542X
- RAMINELLI, Ronald; SILVA, Bruno – Teorias e imagens antropológicas na Viagem Filosófica de Alexandre Rodrigues Ferreira (1783-1792). *Boletim Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*. Vol. 9, Nº 2 (2014), p. 323-342. [Consult. 6 de janeiro de 2022]. Disponível na Internet: <URL: <https://www.scielo.br/j/bgoeldi/a/J3ynVVbCdXj84Y3htFxTW8S/?lang=pt>>. ISSN 1981-8122
- RAMOS, Luís A. de Oliveira - *D. Maria I. Mem Martins: Círculo de Leitores*, 2007. (Reis de Portugal). ISBN 978-972-42-3901-9
- SANTOS, Christian Fausto Moraes dos – *Das memórias do Arco do Cego: divulgação científica na América Portuguesa do século XVIII*. *Diálogos* [Em linha]. Vol. 12, nº 1 (2008), p. 207-225. [Consult. 10 novembro 2021]. Disponível na Internet: <URL: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Dialogos/article/view/38212>>. ISSN 2177-2940
- SILVA, Kalina Vanderlei; Silva, Maciel Henrique – Iluminismo. In SILVA, Kalina Vanderlei; Silva, Maciel Henrique – *Dicionário de conceitos históricos*. São Paulo: Contexto, 2015.

SILVA, Maria Beatriz Nizza de – O Império Luso-Brasileiro: 1750-1822. In. SERRÃO, Joel; MARQUES, A.H. de Oliveira – *Nova História da Expansão Portuguesa*. Lisboa: Editorial Estampa, 1986

SIMON, William Joel - *Scientific expeditions in the portuguese overseas territories (1783-1808) and the role of Lisbon in the intellectual-scientific community of the late eighteenth century*. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical, 1983. (Centro de estudos de cartografia antiga)

## Anexos

Mapa 1 - Roteiro percorrido durante a viagem filosófica chefiada por Alexandre Rodrigues Ferreira (1783-1792) com a legenda original de onde foi extraído o presente mapa



ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA IN BRASIL (1783-1792)		
Lisbon - Belém do Pará	(1783)	.....
Belém - R. Tocantins - Belém	(1784)	.....
Belém - Barcelos	(1784)	.....
Barcelos - R. Negro - S. José Marabitanas - Barcelos	(1785-86)	.....
Barcelos - R. Branco - S. Cristais - Barcelos	(1786)	.....
Barcelos - Vila Bela	(1788-89)	.....
Vila Bela - Cuiabá - Vila Bela	(1790-91)	.....
Vila Bela - Belém do Pará	(1792)	.....
Belém do Pará - Lisbon	(1793)	.....

Escala (aprox.) 1:12 000 000

Fonte - SIMON, William Joel - *Scientific expeditions in the portuguese overseas territories (1783-1808) and the role of Lisbon in the intellectual-scientific community of the late eighteenth century*. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical, 1983. (Centro de estudos de cartografia antiga)

**Imagem 1 – Nativo Máua**



**Fonte:** FERREIRA, Alexandre Rodrigues - *Viagem Filosófica pelas capitânicas do Grão Pará, Rio Negro, Mato Grosso Cuiabá: Iconografia geografia e antropologia* [Em linha]. Rio de Janeiro: Conselho Federal da Cultura, 1971. [Consult. 1 dez. 2021]. Disponível em WWW: <URL: <https://purl.pt/33535/2/>>

**Imagem 2 – Nativo Jurupixuna**



**Fonte:** FERREIRA, Alexandre Rodrigues - *Viagem Filosófica pelas capitânicas do Grão Pará, Rio Negro, Mato Grosso Cuiabá: Iconografia geografia e antropologia* [Em linha]. Rio de Janeiro: Conselho Federal da Cultura, 1971. [Consult. 1 dez. 2021]. Disponível em WWW: <URL: <https://purl.pt/33535/2/>>

**Imagem 3 – Máscaras de dança da comunidade Tucuna**



**Fonte:** FERREIRA, Alexandre Rodrigues - *Viagem Filosófica pelas capitâneas do Grão Pará, Rio Negro, Mato Grosso Cuiabá: Iconografia geografia e antropologia* [Em linha]. Rio de Janeiro: Conselho Federal da Cultura, 1971. [Consult. 1 dez. 2021]. Disponível em WWW: <URL: <https://purl.pt/33535/2/>>

**Imagem 4 – Nativo Miranha**



**Fonte:** FERREIRA, Alexandre Rodrigues - *Viagem Filosófica pelas capitâneas do Grão Pará, Rio Negro, Mato Grosso Cuiabá: Iconografia geografia e antropologia* [Em linha]. Rio de Janeiro: Conselho Federal da Cultura, 1971. [Consult. 1 dez. 2021]. Disponível em WWW: <URL: <https://purl.pt/33535/2/>>